

## Ensinar e aprender a distância: algumas questões

Maria de Fátima GOULÃO  
(Universidade Aberta)

### Resumo

O processo de aprendizagem é global. Ele é parte integradora da natureza humana e ultrapassa amplamente os conhecimentos veiculados através da Instituição Escola. A todo o momento os sujeitos se vêem *inundados* de novas informações que lhes chegam através dos mais variados suportes. As rápidas e sucessivas transformações que a sociedade tem vindo a sofrer ao longo dos anos, com repercussões em várias facetas da vida, têm vindo a demonstrar *décalage* em termos dos conhecimentos, entre o que a Instituição Escola transmite e os desafios que esta nova sociedade comporta.

A formação a distância tende, em vários aspectos, a dar resposta à nova necessidade de individualização. Se oferece uma oportunidade a quem a ela recorre, quaisquer que sejam as suas motivações iniciais, este tipo de ensino permite, sobretudo, libertar os indivíduos de qualquer constrangimento espaço-temporal, imposto pelas formas tradicionais.

Assim, apresentamos um estudo exploratório das razões que um grupo de aprendentes adultos (N=57) aponta para ter aderido ao ensino a distância e quais as suas concepções de trabalho dentro do mesmo. Os resultados deste estudo obtiveram-se a partir das respostas dadas a um questionário de resposta aberta integrando duas (2) grandes questões:

- a) razões consideradas mais importantes pelos aprendentes para esta sua opção;
- b) comportamentos ou aspectos considerados mais relevantes, para aumentar ou bloquear a aprendizagem, neste sistema de ensino.

### O nosso desafio

Todos os que estamos ligados à Educação, independentemente do grau de ensino ou do tipo de Instituição que nos acolhe, nos damos conta das rápidas alterações sociais da sociedade e das consequências que as mesmas têm para o nosso dia-a-dia.

Cada vez que se pensa ter encontrado a "fórmula" para dar as respostas e garantir o Sucesso, mais alguns elementos surgem e fazem desequilibrar o sistema. E todos nos lançamos na procura de novos caminhos, de novas identidades.

O aluno, quando se implica num processo de aprendizagem, institucional ou não, não deve ter somente em vista um novo equilíbrio ao nível dos seus conhecimentos. Este desejo de obter uma mudança deve estar ligado a um projecto mais amplo, que lhe dará mais sentido. Em muitas situações estas mudanças estão ligadas a ganhos ou percas a nível psicológico, sócio-afectivo, social, organizacional, profissional, ideológico,...

O sujeito mobiliza as suas energias e os seus recursos, num projecto de aprendizagem se, e somente se, acredita que o resultado desse projecto vai levar a alterações na sua esfera pessoal, social ou profissional, ou seja, vai contribuir para a realização das suas aspirações a diferentes níveis.

Quando nos situamos somente nesta dimensão da aprendizagem, o aprender pode ser um “*processo custoso em tempo e energia*” (Giordan, 1998, p.75). Muitas vezes, o empenho dos sujeitos prende-se com o dar uma resposta, mais ou menos imediata, às solicitações do meio. Isto é, as aprendizagens feitas não servem senão para passar um exame, ou alcançar algum benefício após ter sucesso neste. Fora da Escola estes conhecimentos perdem todo o seu valor, todo o seu interesse. Encontramos um fosso que separa a Escola da Vida (onde os saberes escolares se deveriam inscrever). É como se se verificasse a existência de dois universos de significações diferentes, separados um em relação ao outro, confrontando-se, onde o *transfert* de conhecimentos não ocorresse.

Ora, a sociedade tem vindo a sofrer, ao longo dos anos, rápidas e sucessivas evoluções com repercussões em várias facetas da vida. Isto tem vindo a demonstrar *décalage* em termos dos conhecimentos, entre os que a instituição escolar transmite e os desafios que esta nova sociedade comporta. Cada vez mais os sujeitos se vêem obrigados a encontrar formas diferenciadas de dar resposta a estes novos desafios. Para isso diferentes modalidades de transmitir o saber foram procuradas, com o intuito de tornar o sujeito cada vez mais participativo.

Entre estas modalidades encontramos não só as comunidades de aprendizagem, como uma crescente implementação da auto-aprendizagem. Estes novos cenários levaram a uma reestruturação do tipo de relações entre os diferentes actores que neles participam e têm vindo a ganhar cada vez mais adeptos. Também se têm esforçado para aumentarem o seu reconhecimento social.

Sabemos que todos os sujeitos, em aprendizagem ou não, independentemente da modalidade a que nos estejamos a referir, possuem sistemas de ideias que lhes são próprios, as intenções, que os levam a pensar e a actuar de uma forma que é única. Cada pessoa, tal como todo o sistema vivo, desenvolve uma lógica própria de organização interna e isto representa um símbolo de autonomia (Clenet, 1995).

## Um exemplo: a auto-formação

Neste cenário os parceiros do processo de ensino-aprendizagem assumem novos papéis, ganham novas formas.

Tomando como ponto de referência a auto-formação, a investigação que tem vindo a ser feita a este nível também faz sentir os seus efeitos no plano didáctico, psicológico e social (Tremblay, 1995).

A importância de factores como a motivação e a auto-confiança é essencial para garantir o sucesso nesta forma de aprender. Mas não é menos importante a capacidade de uma análise crítica das suas acções e a identificação das leis e das regras que regem a maneira de aprender.

Um outro factor, também importante neste sistema, assim como em quase todos os sistemas em que os conhecimentos são ministrados de uma forma não *institucionalizada*, é o do reconhecimento das aquisições feitas. Isto é, as implicações sociais que este sistema de aprendizagem comporta.

Se, por um lado, a aprendizagem se faz de uma forma mais natural, utilizando para tal uma grande variedade de recursos existentes na sociedade, por outro lado existe a necessidade de ver reconhecidos esses conhecimentos. Este reconhecimento pode situar-se somente ao nível social. Isto é, ser aceite pelo grupo social onde cada um se insere e necessita de viver.

Esta nova modalidade convida o aprendente a fazer prova de uma maior autonomia e responsabilidade e a tomar um papel mais activo na construção dos conhecimentos.

A garantia do sucesso não reside no sucesso imediato, o sucesso nas provas, mas, de uma forma geral, deve apostar-se na Educação para o Sucesso. Esta noção deve estar ligada a uma outra noção: a de Educação para a Cidadania, para a Autonomia. Estas duas posturas educacionais nem sempre andam a par uma da outra. Enquanto na Educação para o Sucesso se consegue quantidade e rapidez, na outra consegue-se qualidade e potencial. Muitas vezes os alunos são preparados para respostas imediatas, para situações concretas em que não se tem nenhuma garantia de que estes sejam capazes de adaptá-las a outra situação, nem que sejam capazes de estabelecer sozinho outros raciocínios semelhantes.

Na cultura da autonomia, o aprendente estará mais preparado para aplicar os seus conhecimentos em situações novas. Ele será mais criativo, no sentido de que conseguirá mais facilmente encontrar soluções para problemas inéditos. Criar não é copiar, não é repetir ou reproduzir. Criar é articular conhecimentos.

Nesta cultura o sujeito está mais apto a enfrentar os desafios que a vida lhe irá lançar, sejam eles num plano pessoal ou profissional.

Ligada ao conceito de auto-aprendizagem encontramos a noção de educação permanente. Ela é aqui encarada como um processo que percorre todos os níveis de vida do sujeito. Acompanha-o durante toda a vida e é encarada como permanente e holística. É o "*aprender a Ser*".

## Um outro olhar: As Tecnologias da Informação e da Comunicação

As constantes inovações tecnológicas têm exercido a sua influência de diversas formas. Verificaram-se alterações na forma de pensar e de estar na sociedade em geral e na comunidade educativa em particular. As tecnologias da informação e comunicação ocupam um espaço primordial na forma de encarar a formação, quer em conteúdos, quer em espaços, tempo e intervenientes.

Surgem, então, algumas questões que se prendem, por exemplo, com o saber como devem ser os ambientes educacionais para que possam, por um lado, ir ao encontro das necessidades e estilos individuais dos aprendentes, por outro dar resposta aos desafios colocados pela sociedade à comunidade educativa, seja qual for o grau e a tipologia de ensino a que nos estejamos a reportar.

Esta evolução das tecnologias da informação e da comunicação tem tido um grande impacto no crescente incremento e conseqüente desenvolvimento do ensino aberto a distância, com recurso a redes e, em particular, à *Internet* como infra-estrutura de suporte e desenvolvimento da formação. A *Internet* é, de facto, um meio eficaz de transmitir informação, com a possibilidade de actualização constante e imediata dos materiais disponibilizados. Isto é tão mais importante quanto cada vez mais o factor "tempo" é primordial no desenvolvimento dos sujeitos.

Ligados a estas novas formas de estruturar os sistemas de ensino estão o repensar do conceito de aprendizagem, a forma de o equacionar e os espaços em que esta ocorre. Surge a necessidade de repensar o paradigma pedagógico utilizado até ao momento.

Este novo paradigma pedagógico pressupõe um currículo dinâmico, em construção, aberto, que leva à reflexão crítica. Nesta perspectiva o enfoque é na aprendizagem, na promoção e no

reforço das interações entre parceiros no processo, na colaboração e na partilha de conhecimentos entre todos os agentes, nas estratégias de trabalho colaborativo com recurso a materiais e a estratégias que estimulem os aprendentes a processar a informação autonomamente e de modo significativo, tendo em conta os seus estilos de aprendizagem e "afectivo" (motivação, expectativas, atitude, interesses...).

## O nosso estudo

Esta forma diferente de transmitir o saber veio abrir novos espaços de investigação por forma a permitir um melhor conhecimento de todos os vectores a ela ligados. Um destes vectores recai precisamente sobre a necessidade de se conhecer a forma como os aprendentes, personagens principais em todo este processo, se relacionam com o sistema de ensino que estão a frequentar. Disso dá-nos conta o trabalho de Jézégou, A (1998) que procura encontrar respostas para perguntas como: "*Porquê o ensino a distância?*", "*Que problemas se levantam neste sistema de ensino?*", entre outras. O trabalho que aqui apresentamos insere-se nesta perspectiva, isto é, numa tentativa de explicitação das razões que levaram os nossos aprendentes a optarem pelo sistema de ensino a distância e, ainda, que comportamentos ou aspectos são considerados, do seu ponto de vista, mais relevantes, para aumentar ou bloquear a aprendizagem, neste sistema de ensino.

## Metodologia

### Amostra

A amostra é constituída por 57 aprendentes de ambos os sexos, que se encontram a frequentar o ensino a distância. Todos eles são trabalhadores estudantes e a maioria encontra-se no intervalo de idade "*entre os 37 e 44 anos*". No que diz respeito ao nº de anos de frequência no Ensino a Distância, encontramos desde sujeitos que aí se encontram pela 1ª vez, até aqueles que o frequentam há "*4 ou mais anos*".

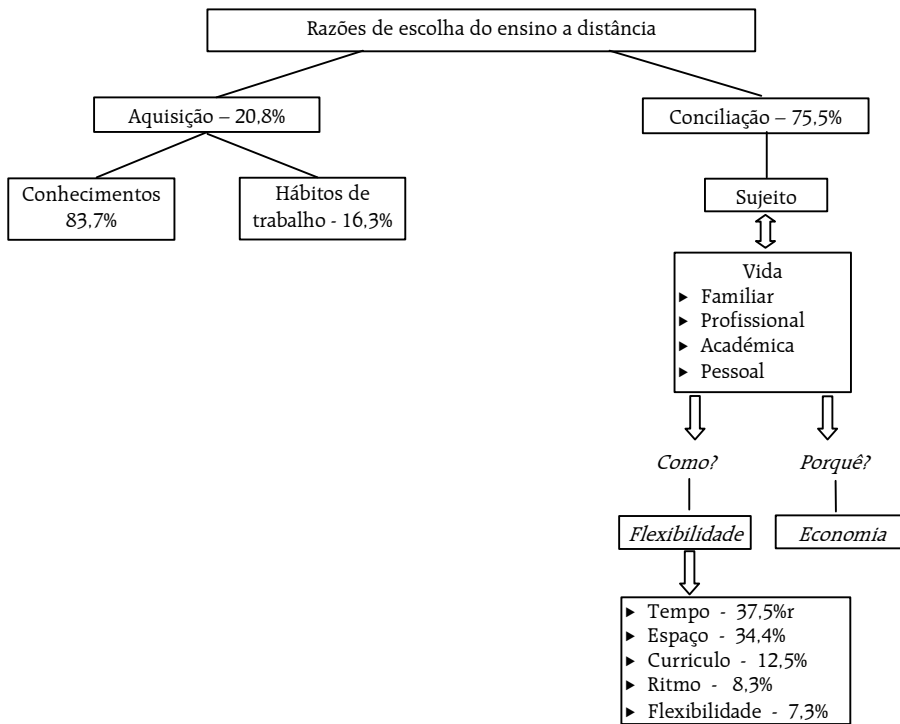
## Instrumento

Para a recolha dos dados foi utilizado um questionário de resposta aberta onde se podiam encontrar as seguintes questões:

- a) As 5 razões que consideravam mais importantes para frequentar o ensino a distância;
- b) Os 5 comportamentos ou aspectos que consideravam mais importantes para aumentar ou para bloquear a aprendizagem, neste sistema de ensino.

## Resultados

Os resultados obtidos através da análise da pergunta "*As 5 razões que consideravam mais importantes para frequentar o ensino a distância*" encontram-se descritas na figura 1.

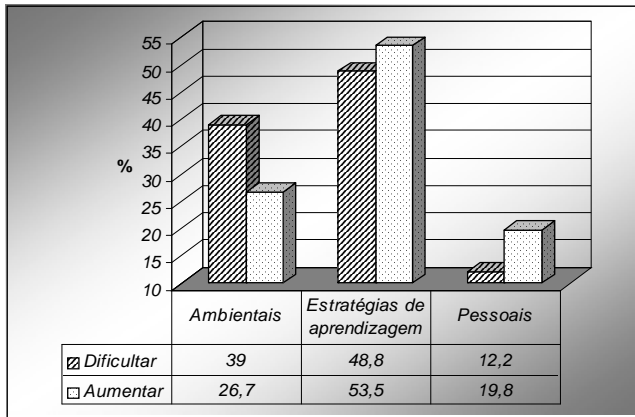


**Figura1** – Análise da resposta 1: *Razões de escolha do ensino a distância.*

Dentro deste grande grupo que é a *Conciliação*, podemos ir um pouco mais além e verificamos que essa *Conciliação* se faz à custa da *Flexibilidade*, sobretudo a *Flexibilidade de Tempo e Espaço*, que este sistema de ensino proporciona.

No que diz respeito ao factor *Aquisição*, é sobretudo a *Aquisição de conhecimentos* que tem maior peso.

Passemos agora à pergunta "Os 5 comportamentos ou aspectos que consideravam mais importantes para aumentar ou para bloquear a aprendizagem, neste sistema de ensino." A análise desta pergunta levou-nos a agrupar os resultados em três grandes categorias – **Ambientais, Estratégias de Aprendizagem e Pessoais.**



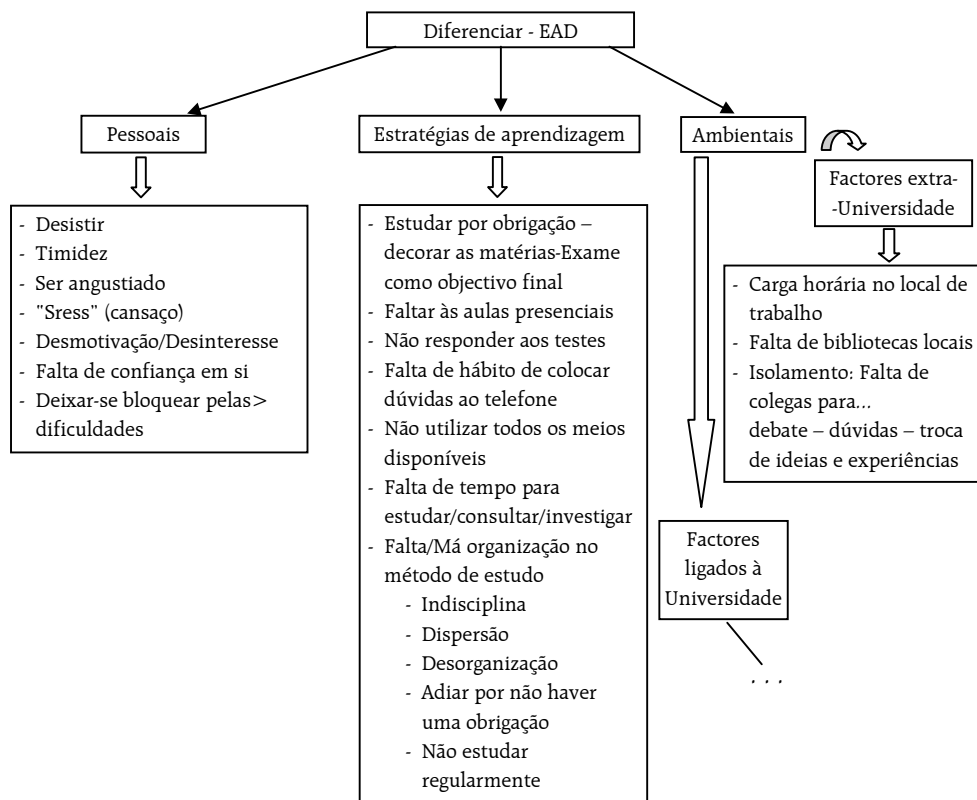
**Gráfico 1** – Distribuição das respostas pelas 3 categorias e em função das duas situações em estudo.

O gráfico em epígrafe permite-nos constatar que, em ambas as situações, a categoria que maior peso tem é **Estratégias de Aprendizagem**, tendo esta um peso superior na situação **Aumentar**. Se, por um lado, a situação **difícultar** dá primazia aos factores **Ambientais**, por outro, a situação **aumentar** realça os factores **Pessoais**.

Os esquemas 2 e 3 procuram operacionalizar cada uma destas categorias em função das duas situações.



**Esquema 2** – Análise qualitativa da pergunta 2: Situação *Aumentar*.



Esquema 3 – Análise qualitativa da pergunta 2: Situação *Dificultar*.

## Conclusões

Os sujeitos recorrem ao ensino a distância, quer por iniciativa própria, quer por terem conhecimento das experiências de outros colegas, a fim de adquirirem conhecimentos. Esse recurso pode ser utilizado de uma forma voluntária, ou pode ser resultante de uma imposição institucional que, muitas vezes, se prende com a progressão na carreira. Não podemos esquecer que os seus principais utilizadores são sujeitos que têm já uma vida profissional e muitas vezes familiar constituída. É exactamente por existirem todos estes condicionalismos profissionais e familiares que surge com principal destaque a categoria *Conciliação*, que se prende com o permitir conjugar todos os aspectos da vida. É nesse sentido que alguns afirmam que o *"ensino a distância deixa tempo livre para outras actividades"*. Como é que se consegue isto? Através da *Flexibilidade* que este sistema de ensino comporta e que permite aos aprendentes estudarem de acordo com o seu ritmo, no tempo que têm e sem que para isso necessitem de se deslocar. A *Economia* de dinheiro, de esforço e até de meios logísticos é outro factor muito relevante.

Esta evidência dos resultados parece ir de encontro àquilo que se pretende seja um dos objectivos do ensino a distância, isto é, o permitir aos sujeitos ultrapassar barreiras/condicionalismos por forma a poderem alcançar mais sucesso pessoal e profissional.

Este sucesso parece depender bastante das *Estratégias de Aprendizagem* que venham a ser adoptadas. É nesse sentido que apontam os resultados da última pergunta. De acordo com eles a necessidade de existir uma boa estratégia de aprendizagem, isto é, "*a organização/planificação*" dos estudos, a "*aquisição de regras de trabalho individual*" e até mesmo o manter um contacto assíduo com os assistentes/tutores, são essenciais para se alcançar o sucesso. Para estes aprendentes, factores como, por exemplo, a "*auto-confiança*", a "*persistência/força de vontade*" e a "*motivação/vontade de aprender*" também são indispensáveis para que o sucesso aconteça.

## Referências Bibliográficas

- BOURGEOIS, E.; NIZET, J.  
1999, *Apprentissage et Formation des adultes* (2ª ed.), coll. Éducation et Formation, Paris, PUF.
- CARMO, HERMANO  
1997, *Ensino Superior a Distância*, col. Temas Educacionais, Lisboa, Universidade Aberta.
- CARRÉ, P.  
1995, "Cinq propositions... pour faire avancer le sujet" in *Revue d'Education*, nº2, pp. 40-41.  
1992, *L'autoformation dans la formation professionnelle*, Paris, La documentation Française.
- CARRÉ, P.; MOISAN, A. & POISSON, D.  
1996, *L'Autoformation*, Paris, PUF.
- CLENET, J.  
1995, «Accompagnement de l'autoformation et métiers de formateurs » in *Pratiques d'autoformation et d'aide à l'autoformation*, in actas do Deuxième Colloque Européen sur L'autoformation, USTL/CUEEP, pp.186-196.
- GIORDAN, A.  
1998, *Apprendre !*, Paris, Éditions Belin.
- GOULÃO, M.F.  
2001, *Ensino Aberto a Distância: Cognição e Afectividade* (Tese de doutoramento), Universidade Aberta, Lisboa.
- JÉZÉGOU, Annie  
1998, *La formation a distance: Enjeux, perspectives et limites de l'individualisation*, Paris, L'Harmattan.
- LAGARTO, J.  
1994, *Formação profissional a distância*, col. Temas Educacionais, Lisboa, Universidade Aberta / IEFP.
- ROCHA TRINDADE, A.  
1991, *Terms of reference for a european distance education structure*, Lisboa, Universidade Aberta.
- ROCHA TRINDADE, A.; RICARDO MARQUES, M<sup>a</sup> EMÍLIA; GASPAR, A.  
1984, "Ensino a distância: descrição e fundamentos de um sistema". *Revista Sinal*, nº0,8-17.51.
- TREMBLAY, Nicole  
1995, "Trente ans de recherches", in *Revue d'Education*, nº 2, pp.34-36.